



Os impactos dos protestos na corrida presidencial dos Estados Unidos

A eleição presidencial dos Estados Unidos da América está marcada para 3 de novembro, tendo como candidatos principais o presidente Donald Trump, do Partido Republicano, que busca uma reeleição para um segundo mandato e o ex-vice-presidente Joe Biden, do Partido Democrata.

Com o Slogan "Keep America great" (Mantenha a América grande), Trump foca sua campanha numa política centrada no nacionalismo e medidas protecionistas que o elegeram em 2016, enquanto Biden aposta na melhoria do sistema público de saúde americano e propõe aumentar as medidas de proteção a trabalhadores mais vulneráveis.

Alguns fatores podem impactar a eleição de 3 de novembro e mais recentemente, os protestos contra o racismo e a violência policial originados pela morte do segurança George Floyd, em Minnesota, se espalharam pelos EUA e mundo, causando uma mudança dramática no debate político nacional nos Estados Unidos, pressionando os candidatos e empurrando a corrida presidencial para o centro do palco.

Donald Trump e Joe Biden ofereceram respostas divergentes ao ocorrido que apontam para um debate político ainda mais divergente sobre as relações raciais e as visões de Governo. Trump chegou a enviar uma mensagem para aliviar as tensões, mas fez um chamado pela "lei e ordem" que agravou os distúrbios. O presidente isolou a Casa Branca dos protestos e lançou acusações duras que pouco ajudaram a acalmar a tempestade. Por outro lado, Biden se apresentou como um defensor da igualdade racial, incentivando protestos pacíficos e prometendo curar as feridas raciais que há muito atormentam o país. Como resultado direto, Biden se destaca como favorito à presidência com uma diferença de dez pontos percentuais em relação ao presidente. Pesquisas apontam que 61% dos norte-americanos desaprovam a maneira como Trump lidou com os protestos e 42% agora consideram a questão racial como importante na hora de votar em novembro – à frente da pandemia (31%), do sistema de saúde (39%) e da economia (40%).

O candidato democrata, encorajado pela mudança no cenário político, passou a adotar uma agenda de reformas muito mais ambiciosa do que quando entrou na corrida à presidência. Entretanto, a onda de protestos também reforçou a pressão para que o candidato escolha uma mulher negra como vice-presidente da chapa.

Vale ressaltar também, que os movimentos contra o racismo e a brutalidade policial têm motivado os jovens a pensar nas eleições, podendo fazer a diferença na escolha presidencial.



Em todo o país, já se observa um pico de entusiasmo entre jovens de 18 a 29 anos, que historicamente votam em menor número do que os mais velhos. Apenas 46,1% dos jovens de 18 a 29 anos votaram nas eleições presidenciais de 2016, em comparação com uma participação geral de 61,4%. A maior participação, entretanto, foi entre pessoas com 65 anos ou mais, que são estatisticamente mais propensas a serem conservadoras.

Ainda é cedo para avaliar o real impacto dos protestos na eleição de 3 de novembro, mas uma questão é certa, no plano internacional, as eleições dos Estados Unidos funcionam como um marco para novas diretrizes mundiais e para o Brasil não é diferente. O país possui históricas relações com os EUA, que ocupa um lugar de destaque na política externa brasileira, sendo fundamental o relacionamento bilateral, independente do resultado do jogo político.

Sabe-se que a Cooperação Internacional se trata de um processo de troca entre os agentes que compõem o sistema internacional, no qual uma parte recebe ou retribui recursos tangíveis ou intangíveis entre unidades políticas e sociedades distintas, de maneira a lhes fortalecer os vínculos e fomentar alianças.

Como uma vertente da Cooperação Internacional, tem-se a cooperação descentralizada que é um fenômeno de extrema importância no campo das Relações Internacionais devido à atuação dos governos municipais e estaduais na tentativa de minimizarem os seus problemas econômicos e sociais, bem como se inserirem politicamente na arena internacional. Esse fenômeno se configura como uma ação externa destes governos com o propósito de buscarem realizar seus interesses no âmbito internacional.

O Estado de Minas Gerais vem construindo fortes vínculos com os Estados Unidos, tanto no campo comercial quanto no diplomático. No que que concerne às relações comerciais, vale ressaltar o peso que o estado mineiro ocupa enquanto parceiro comercial dos Estados Unidos. Isto é, no âmbito interno, Minas Gerais é o quarto principal parceiro em termos de exportação e o sexto nas importações. O fluxo comercial com os Estados Unidos é bastante substancial para o comércio exterior mineiro. Em 2019, as trocas comerciais registraram US\$ 3,5 bilhões. Nos últimos 5 anos a balança comercial entre as partes registrou superávit, sendo que, no ano passado, o superávit registrado foi de US\$ 800 milhões.

É notória a importância que o comércio com os Estados Unidos desempenha em nossa balança comercial. Por este motivo, também é estratégico para Minas Gerais que as relações bilaterais sejam harmoniosas, buscando sempre oportunidades de estreitar os laços de cooperação.



Mesmo com a atual conjuntura de protestos nos Estados Unidos não se acredita que haverá impactos no comércio internacional com Minas Gerais. Notadamente, é incerto o real cenário e impactos que as eleições poderão trazer para o contexto internacional e, conseqüentemente, para o comércio com os parceiros comerciais dos norte-americanos. Mas certo é que, o Brasil e Minas Gerais devem conservar as relações já estabelecidas e cultivar a tradição de neutralidade face ao momento de incertezas.

**O estudo foi desenvolvido pela Diretoria de Promoção de Exportações (Dipex) e Assessoria de Cooperação Nacional e Internacional (ACI).*